



Brasília

A ARTE DA DEMOCRACIA

ORGANIZAÇÃO

Paulo Herkenhoff

idp

 **FGV ARTE**

Aporia e clareza – como se escreve João Trevisan

Paulo Herkenhoff

João Trevisan se escreve com **J** de **João** ou Oanes Trevisan – “João é um prenome muito comum na língua portuguesa e sua versão feminina é Joana. Este nome deve sua popularidade a dois personagens do Novo Testamento, ambos santos muito reverenciados. O primeiro foi João, o Batista, um eremita judeu considerado o antecessor de Jesus Cristo. O segundo foi São João Evangelista, um dos doze apóstolos de Cristo, autor do Evangelho Segundo João e do livro da revelação apocalíptica. O nome João tem sua origem direta no latim *Ioannes* que, por sua vez, é derivado do grego *ἰωάννης* (*Ioánnis*). Todavia, a etimologia primitiva encontra-se no nome *יחנן* (*Yôḥnān*), na língua hebraica, forma reduzida de *יחנניה* (*Yəhōḥānān*). Em português antigo era *Oane*, *Oanes*, *Joane*, *Joannes* (extraído do site da Wikipédia, a enciclopédia da verdade pactuada entre os leitores).

João Trevisan se escreve com **O** de **Ordem** neoconcreta – a genealogia das obras de parede de João Trevisan passa por Willys de Castro; enquanto as de chão, por Amílcar de Castro (dois ícones do neoconcretismo). Trevisan compõe a quarta geração construtiva da arte brasileira, aquela que surge no século XXI, que mantém um olhar sobre a história da abstração geométrica do país e, simultaneamente, projeta novas significações mais atinentes sobre a geometria no presente ou fricciona a expansão do sistema da arte.

João Trevisan se escreve com **Ã** de hora de **cÃo** a lobo, que é o lusco-fusco como são suas pinturas que são quase pretas, lucífugas, ainda cinza muito escuras como é a luz ambígua e ambivalente de um crepúsculo, portanto, com **Ã** de **escuridão**.

João Trevisan se escreve com **O** de **Óleo**, o meio técnico cujas qualidades superam todas as demais por seu âmbito e variedade de qualidades óticas (segundo o clássico Ralph Meyer em seu *The artist’s handbook of*

materials and techniques), que definiram sua escolha por Trevisan; com **O** de **Obscura** luz, que o título antitético é proposta enigmática da caixa de Cildo Meireles na qual só se vê o perfil em sombra do bulbo de uma lâmpada, que será simultaneamente a imaginária fonte emissora da luz e a sombra real do objeto iluminador em misteriosa ambiguidade.

João Trevisan se escreve com **T** de **Terra**, porque o artista fez licenciatura em Geo/grafia [“cheguei a dar aula por seis meses, um período de que gostei muito, mas não sentia que era o que eu realmente gostaria de fazer”] – a ciência da descrição da superfície da Terra – cuja origem é o latim (*geografia*), do grego (*geografia* = *geo* para “terra” e “*grafia*” para descrição, gravação, escrita) – termo que surgiu na França por volta de 1540; **T** de **Três** cores primárias mais o preto e o branco que bastam ao pintor para desenvolver sua sintética e severa paleta (“Uma cor pode mudar todo o processo; o pigmento pode secar mais rápido ou demorar, e isso influencia a escuta, a conversa com o trabalho”, afirma Trevisan, “o tempo, para mim, é fundamental para estar em sintonia. É uma conversa silenciosa, saudável, de respeito. Realmente, é importante respeitar o tempo das coisas”); com **T** de **Textos** escritos por Bené Fonteles, Ana Avelar, Mateus Nunes e Ralph Gehre “formam a fortuna crítica de João Trevisan”; com **T** de **Tempo** – “O tempo,” analisa João Trevisan, “está muito relacionado com o que sigo, com o que aprendi sobre mim mesmo. Quando tive depressão, eu ficava muito preso ao relógio, a esse tempo externo. Mas, na verdade, aprendi que existem vários tempos: o tempo externo, o tempo interno do corpo, o tempo mental e o tempo das coisas. As coisas têm o seu próprio tempo, e esse tempo a gente escuta, observa, troca, conversa e respeita. [...] As coisas acabam ‘falando’ o seu tempo exato, por isso é importante estar atento.



Eu medito todos os dias e ainda tomo remédio para melhorar minha atenção. Além disso, lido com trabalhos que têm tempos diferentes”; com **T** de **Título** – “meus títulos das paisagens variam muito. Gosto de dar nomes; acho que as coisas devem ter algum nome, mesmo que não sejam necessariamente explicativos. [...] Os nomes das paisagens são sempre pequenas frases ou poemas recortados, que refletem algum momento que estou vivendo ou passando. Muitos deles são sobre saudade – saudade de pessoas e de amigos, próximos ou distantes, mas de quem gosto muito”; com **T** de **Tríade** referencial da pintura europeia moderna para o pintor brasileiro formada pelo artista holandês neoplástico Piet Mondrian (1872-1944); Giorgio Morandi (1890-1964), o silencioso pintor bolonhês que durante a Segunda Guerra Mundial se refugiou nas montanhas para pintar em paz); e Joseph Albers (1888-1976), o pintor bauhausiano das infundáveis *Homenagens ao quadrado*, sempre as mesmas, mas sempre singulares nos entre lugares da repetição e diferença na trilha do filósofo Gilles Deleuze; com **T** de **Turvo** como clareza paradoxal na luz da luminosidade agôni-

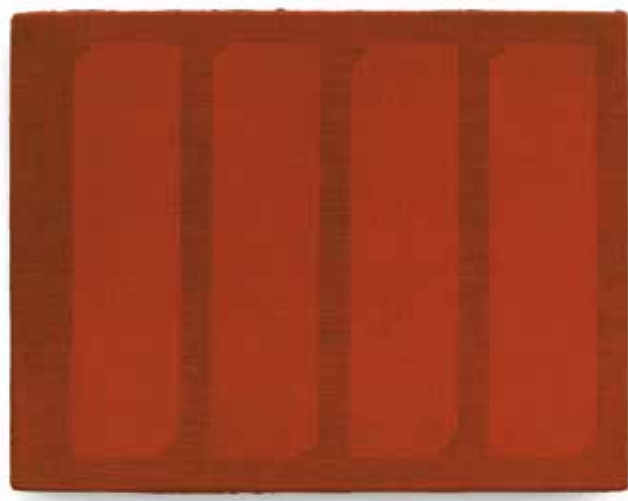
ca em certas pinturas; com **T** de **Tônus** aristotélico de suas esculturas antiplatônicas e robustas, na tradição do Modernismo tardio de Jorge Oteiza (1908-2003), Amílcar de Castro (1920-2002) e Richard Serra (1938-2024); enfim, João Trevisan se escreve como João Trevisan porque apenas João Trevisan produz Joões Trevisans autênticos.

João Trevisan se escreve com **R** de **Residências** artísticas feitas no Rio de Janeiro (Casero), em Goiânia (Olhos d’Água), em São Paulo, Nova York e Lisboa (AIR, organizada por Simon Watson); com **R** de **Risco**, já que o artista compreende que arte é risco e invenção – o bom artista abandona suas conquistas em busca de novos horizontes para sua produção); com **R** de **Roubo**, pois ele e seu irmão João Paulo furtavam dormentes da linha férrea que liga Brasília ao litoral de São Paulo (“Já furttei alguns dormentes... Era quase um exercício furtivo / meditativo”), abandonados pela via, para utilização em seus “projetos instalativos” (denominação que Trevisan dá a seus trabalhos quase sempre vistos como esculturas) ou “corpos” (“Parte das minhas obras leva a ideia de ‘corpo’. Gosto de usar essa palavra. Fica até meio confuso,

porque penso em escultura, mas vejo como corpo. É um material parecido com o corpo: tem estatura, peso e proporções similares”) que se enquadram, portanto, na problemática da “arte como crime” a partir do *ethos* da cultura austríaca do arquiteto Adolph Loos (“Ornamento é força de trabalho desperdiçado” + “O homem moderno que se tatua é um criminoso ou um degenerado” [nota: João Trevisan tem tatuagens], in “Ornamento e delito” [1908], tradução de Anja Pratschke) e do performer do Rudolf Schwarzkogler (1940-1969), que inscreve secretamente numa obra “Malerei als Verbrechen” (“pintura como crime”).

João Trevisan se escreve com **E** de **Escuta**, porque seus “projetos instalativos”, aliás, “corpus” que juntam dormentes (“têm estatura, peso e proporções similares [...]”, quando estão juntos, deixam de ser uma unidade e passam a fazer parte de um coletivo, fundamental para organização e comportamento. Acho que falam de cuidado, *escuta*, silêncio e resistência”); com **E** de **Enformação** da matéria, que é como o filósofo Martin Heidegger (1889-1976) definiu o processo da arte (in *A origem da obra de arte*); com **E** de **Esforço** afetivo e mental para organizar harmoniosamente seu mundo interior (“La noche oscura del alma”, como no título da poesia de San Juan de la Cruz) e o nosso mundo visível com a luz que parece lutar para fugir do buraco negro que é a superfície de suas pinturas (a astrofísica descreve as estrelas mortalmente colapsadas como “buracos negros” porque o campo gravitacional se torna tão intenso que nem mesmo a luz é capaz de dentro deles escapar).

João Trevisan se escreve com **V** de **Vermelhão**, que o vermelho da terra do Cerrado brasileiro, que também é o vermelho simbólico escolhido pelo artista para aplicar a sua pintura; com **V** de **Vontade** de potência nietzscheana revelada em sua intensa dedicação a produzir arte e suas rigorosas demandas de bons resultados estéticos; com **V** de **Van Gogh**, que se suicidou, enquanto João resistiu ao pensamento em momento de desespero; com **V** de **Vai-vém** diante dos objetos cinéticos compostos por ripas de madeira pintadas de um lado, no osso, no outro, de forma sanfonada — o observador que caminha em ida e volta à frente desta “coisa” encontrará ora um objeto pintado, ora em madeira pura, como ocorre com a obra do artista moderno Yaacov Agam (1928), — “gosto de vê-los como objetos, não só pinturas, mas pequenos objetos. Gosto de vê-los como um todo, observando como reagem à pessoa que presta, ou não, atenção. As pequenas coisas são importantes. Mesmo que seja pequeno, o objeto reage, e essa experiência é importante para mim. Talvez compartilhar



essa pequena experiência seja relevante também, não como reconhecimento, mas como a sensação de que alguém prestou atenção e descobriu algo. É matéria”.

João Trevisan se escreve com **I** de **Início** (“profissionalmente, comecei em dezembro de 2014, quando participei da minha primeira coletiva. Ia fazer algo totalmente diferente, mas algumas coisas já indicavam o trabalho atual. Os primeiros trabalhos eram mais figurativos, colagens mentais, mas os objetos persistiam, repetiam-se. Comecei a ouvi-los, a vê-los de outro jeito, com mais cuidado. Eles foram fundamentais para desdobrar o trabalho. Às vezes, sou meio confuso, faço uma livre associação de ideias e, até para escrever, é complicado. Vou de um lugar a outro muito rápido, e isso pode parecer confuso. Mirella, minha irmã, sempre briga comigo: ‘Você entende o que escreve, mas quem lê, talvez, não entenda ou não faça sentido’”); com **I** de **Iniciativas** na arte azombadas, aporéticas, astrofísicas, aletológicas, azoïnantes (do ocularcentrismo), estrambóticas, esca-la-fobéticas (a prática de delitos como parte do método de produção da arte), expensivas (como o investimento de tempo na constituição da luz na pintura), encouraçadas (como a pintura com muitas camadas de tinta), intempestivas (simplesmente, a pintura “é”, a pintura existe como presente, pois ela não depende do passado nem do futuro para existir), inordinárias de ações, incongruentes (como a elaboração deste verbete pelo crítico de arte), ortonomais, onustas de sentidos, umbelinas; com **I** de **Iluminismo**, porque, confessa Trevisan, “se eu fosse seguir o direito, eu iria querer advogar na área cível e, talvez, seguir na parte de filosofia, meu TCC foi em

Kant, tratei dos princípios fundamentais do direito, muita ondaaaa [sic], mas gosto muito!!” — o filósofo alemão do *Aufklärung* Emmanuel Kant (1724-1804), que avaliou que “a missão suprema do homem é saber o que precisa para ser homem”, escreveu *Crítica da razão pura*, *Crítica da razão prática*, *Crítica do julgamento*; com **I** de **Inconsciente** brasileiro do artista que transparece em sua produção como a vastidão dos espaços do Plano Piloto, o silêncio fantasmal da Esplanada dos Ministérios visto em altas horas da noite da murada da Rodoviária (experiência assemelhada à visão das pinturas que homenageiam Joseph Albers e Giorgio Morandi), as cores de Brasília (o vermelhão do solo, o azul do céu, o mármore alvar dos prédios dos Ministérios — semelhantes a certas fotografias do brasileiro José Roberto Bassul — e o caiado das cúpulas do Congresso Nacional), como o mergulho do automóvel nas “tesourinhas” do trânsito da cidade, que são uma metáfora do mergulho do sujeito em sua interioridade ou do olho na profundidade da cor em quadros de Trevisan posto que, como observa o pintor, “as cores podem escurecer, clarear, esquentar ou esfriar, dependendo da organização no suporte”.

João Trevisan se escreve com **S** de **Solipsismo**, que é como o concretista Waldemar Cordeiro denominava todo rastro do pincel que restasse na camada visível de tinta da pintura porque isso traía a necessária objetividade da arte ao largar para trás vestígios “narcisistas” da passagem do sujeito-pintor pelo mundo (João Trevisan afronta este Waldemar Cordeiro através do prazer de deixar delicados e sutis testemunhos do seu ato de pintar entranhados na superfície sensual de seus quadros); com **S** de **Sublime** como na questão da vastidão dos espaços de Brasília que se configuram em pinturas de Trevisan no sublime matemático, conforme a análise de Arthur Schopenhauer (1788-1860) (apud Sandra Shapshay in “Schopenhauer’s Aesthetics” no site <https://plato.stanford.edu/entries/schopenhauer-aesthetics/>); com **S** de **Sobriedade**; com **S** de **Severidade**; com **S** de **Sutileza**; com **S** de **Serenidade**; com **S** de **Semiologia**; com **S** de **Superlatividade**; com **S** de **Superatividade** (TDAH) [“Quando percebo, já estou mudando de assunto, e acabo falando só 25% de cada coisa. TDAH é complicado...”]; (que se opõe à cultura do espetáculo, na esteira de Guy Debord); com **S** de **Signo** material da arte, porque, como ele informa, “lido com a matéria, gosto de pensar nela como um corpo, e quero ver as possibilidades que ela possui. É sobre quanto de energia eu queria depositar no que eu gosto. Acho que seria isso” — “toda a arte é erótica”, concluiu Adolph Loos.

João Trevisan se escreve com **A** de **Acidente** de bicicleta (“o que mudou minha vida foi um acidente em dezembro de 2013. Não foi algo violento; eu estava de bicicleta, a roda soltou, e não lembro o que aconteceu. Só lembro que estava no hospital... Esse acidente foi um marco. Caí em um buraco, tentei suicídio, mas interrompi no meio, sem saber ao certo porque mudei de ideia. Algo tinha acontecido. Busquei ajuda, encontrei o budismo, comecei terapia e fui a um psiquiatra, que me acompanhou por muito tempo”) que o levou à reflexão sobre os caminhos que queria trilhar em sua vida — a arte — e deixar seus estudos de direito (que, no entanto, lhe infundiu a noção de “contrato social da arte”) para se dedicar à pintura, ao desenho, à escultura, à instalação, a “corpos”, a projetos instalativos; com **A** de **Autodidata**, “tentei Artes na UnB algumas vezes, mas não passei. Minha atenção era péssima — TDAH e outros problemas sempre foram presentes na minha vida. Nunca gostei de estudar, na verdade, gostava de estudar o que realmente me interessava”; (“Eu não estudei arte formalmente, mas comecei a frequentar exposições e museus, a ler e assistir a muitas entrevistas e acompanhar palestras. Fiz tudo ao meu alcance para aprender, mesmo sem saber onde isso me levaria. Produzi incansavelmente até me exaurir. E assim fui conversando com o trabalho. A troca, para mim, é realmente importante. Ouvir o que o trabalho diz, as indicações, a direção que toma. Busquei referências, conheci pessoas que me ajudaram muito com conversas e trocas, que me ajudaram a pensar e a falar sobre o trabalho. Assim, comecei a entender a diferença entre pesquisa e processo. Eu confesso que gosto muito do processo. Não sou muito inteligente, mas sou muito observador... Acho que foi assim que aprendi a pintar, e, mesmo assim, sinto que não sei pintar”); com **A** de **Aisthesis**; com **A** de **Aporia** (do grego ἄπορίᾱ), impasse, falta de passagem, perplexidade, aplicável à arte de João Trevisan porque ela não se explica, mas lança dúvidas, indagações ao olhar.

João Trevisan se escreve com **N** de **Noturno** à luz do dia, que é como Trevisan pinta em seu ateliê ensolarado no Setor Comercial Sul, Edifício Anhanguera (“o nome do prédio não é muito legal”, deplora o artista, “mas a sala é boa e funciona bem), no Plano Piloto de Brasília. “Desde o primeiro Adão que viu a noite / e o dia e a figura de sua mão, / fabularam os homens e fixaram / em pedra ou em metal ou em pergaminho / quanto cingir a terra ou plasmar o sonho” (Jorge Luis Borges, “História da noite”); com **N** de **Negligentia** do latim correspondente à bagunça brasileira, posto que, como relata Trevisan, “no ensino médio, eu dava tanto trabalho que passei por 13 escolas!”.